



EDUCAÇÃO CIÊNCIA E SAÚDE
<http://dx.doi.org/10.20438/ecs.v9i2.482>

HISTÓRIA DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UFCG *CAMPUS* CUITÉ CONTADA PELAS PIONEIRAS

Fernanda Lucia da Silva¹, Alana Tamar de Oliveira Sousa²

¹ Enfermeira, Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cuité - PB, Brasil.

² Doutora e Enfermeira, Universidade Federal da Paraíba. Docente da Unidade Acadêmica de Enfermagem, Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cuité - PB, Brasil.

Email para correspondência: fernanda.lucia01ufcg@hotmail.com

Resumo

Objetiva-se reconstituir o processo de institucionalização do ensino de Enfermagem na Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cuité, a partir da narrativa das docentes pioneiras do curso. Pesquisa qualitativa fundamentada metodologicamente na história oral temática, seguiu-se na análise com as etapas de transcrição, textualização e transcrição, sucedendo-se à correlação com uma pesquisa documental sobre o curso, realizada na própria instituição. O curso de Bacharelado em Enfermagem foi criado em 2005 e começou a funcionar em 2007. Seu início foi marcado por desafios relacionados à estrutura física, laboratórios, corpo docente, grade curricular, campos de estágios e questões administrativas. Passados 15 anos de funcionamento, atualmente é uma referência em formação acadêmica de qualidade, conquistou autonomia e um corpo docente bem estruturado, apesar de ainda existirem fragilidades relacionadas aos campos de estágios. Acompanhando as mudanças positivas, surgem as perspectivas de implantação de pós-graduação, desenvolvimento de novos projetos, ampliação da oferta de estágios, e a criação de um hospital universitário. Esta pesquisa veio propiciar para a comunidade acadêmica do curso de enfermagem, a oportunidade de resgatar e conhecer as bases formadoras do ensino da enfermagem neste *campus*.

Palavras-chave: Institucionalização, Bacharelado em Enfermagem, Ensino.

Abstract

The objective is to reconstitute the process of institutionalization of Nursing teaching at the Federal University of Campina Grande, *campus*, based on the narrative of the pioneering professors of the course. Qualitative research methodologically based on thematic oral history, followed in the analysis with the stages of transcription, textualization and transcreation, succeeding the correlation with a documentary research about the course, carried out at the institution itself.

The Bachelor of Nursing course was created in 2005 and began operating in 2007. Its beginning was marked by challenges related to physical structure, laboratories, faculty, curriculum, internship fields and administrative issues. After fifteen years of operation, it is currently a reference in quality academic training, gained autonomy and a well-structured faculty, although there are still weaknesses related to internship fields. Following the positive changes, the prospects for post-graduation implementation, development of new projects, expansion of the offer of internships, and the creation of a university hospital arise. This research provided the academic community of the nursing course with the opportunity to rescue and know the formator bases of nursing teaching on this campus.

Keywords: Institutionalization, Bachelor of Nursing, Teaching.

1 Introdução

A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) foi criada pela Lei nº 10.419, de 9 de abril de 2002, por desmembramento da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), instituída na forma da Lei Estadual nº 1.366, de 2 de dezembro de 1955, e federalizada nos termos da Lei nº 3.835, de 13 de dezembro de 1960. Esta era uma antiga aspiração de lideranças políticas, educacionais, empresariais e comunitárias da cidade de Campina Grande (UFPB, 1996).

Várias iniciativas de parlamentares apontaram nessa direção, por meio de projetos de autoria dos deputados federais Otacílio Queiroz (1975 e 1984) e Evaldo Gonçalves (1989), porém não obtiveram êxito na época. A questão foi recolocada em discussão tendo o magnífico reitor Neroaldo Pontes levado o tema ao Conselho Universitário e constituído a Comissão de Desmembramento que realizou estudos e debates em todos os campi da UFPB, e após oito meses concluiu-se que havia indicativos favoráveis para a viabilidade da criação da Universidade Federal de Campina Grande a partir do campus II da UFPB, localizado na cidade Campina Grande (UFPB, 1996).

Segundo a Secretaria de Projetos Estratégicos da UFCG (2005), a criação de uma universidade federal autônoma em Campina Grande foi uma vitória importante, mas, quando a lei foi aprovada pelo Congresso Nacional, alguns setores acadêmicos temiam que a divisão da UFPB enfraquecesse uma tradição de ensino, pesquisa e extensão que se consolidara em quase 50 anos de história da instituição, ao passo que, outros receavam que a "adequação administrativa" e seus trâmites entravariam a vida universitária e conturbariam a convivência democrática na universidade. Passados vinte anos da criação da UFCG esses temores se dissiparam.

A UFCG pode ser definida como uma Instituição de Ensino Superior que conta com um centro tecnológico de excelência, atua também na área da saúde e das ciências humanas, contribuindo positivamente para mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais na região onde está inserida (UFCG, 2007).

A necessidade de promover a expansão de ensino superior exigida pela Lei N° 10.172, de 9 de janeiro de 2001, fez com que muitas instituições de Ensino Superior implantassem novos *campi* universitários em diferentes regiões do país, promovendo a descentralização do acesso à educação (UFCG, 2005).

A UFCG possui tradição *mutlicampi*, com sete *campi* universitários, sendo o *campus* sede na cidade de Campina Grande, e outros descentralizados, constituídos pelos seguintes Centros: Centro de Formação de Professores, em Cajazeiras; Centro de Ciências Jurídicas e Sociais, em Souza; Centro de Saúde e Tecnologia Rural, em Patos; Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, em Pombal; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, em Sumé; e o Centro de Educação e Saúde (CES), em Cuité (LOPES, 2011).

O CES criado em 2005, conforme a resolução N° 09/2005 do Colegiado Pleno da UFCG, no artigo 1° que autoriza a implantação do campus de Cuité, sendo inaugurado em setembro de 2006. Criado com propósito de assegurar o acesso ao ensino superior a jovens excluídos desse nível de ensino, dada à impossibilidade de se deslocarem para regiões mais privilegiadas do ponto de vista da educação superior (UFCG, 2005).

A investigação está vinculada ao GEPISE – Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Saúde e Enfermagem e é fruto da inquietação em face da necessidade de documentar e estudar a história formadora de um curso, visto que em sua construção diversas pessoas atuam, mas nem sempre permanecem, no qual levam em sua memória parte de vivências e acontecimentos, que quando não são registrados se perdem com o passar do tempo.

Diante desta problemática, abordar a história da enfermagem da UFCG de Cuité torna-se um meio de interligar o passado e o presente, e proporcionar conhecimento acerca da história formadora do curso de enfermagem.

O objetivo desta pesquisa é reconstituir o processo de institucionalização do ensino de Enfermagem na Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cuité a partir da narrativa das docentes pioneiras do curso. Assim, a pesquisa é instigante e motivadora, visto que não existem estudos dessa natureza no CES, e por meio desta será possível eternizar esta história e reconhecer a dedicação de tantas pessoas que trabalharam e ainda continuam para promover o desenvolvimento e a qualidade do curso de enfermagem.

2 Metodologia

Esta pesquisa é delimitada pela História Oral Temática (MEIHY, 2002), uma vez que as pesquisadoras exploram a história de implantação do curso de enfermagem no *campus* de Cuité, a partir dos relatos de docentes e discentes que fizeram parte dessa fundação. Concomitantemente, também foi feita uma pesquisa documental de arquivos da instituição. A pesquisa foi desenvolvida de agosto de 2016 a julho de 2017, no CES da UFCG, localizada no Sítio Olho D'água da Bica, S/N, Cuité - PB.

Na História Oral, as pessoas que participam da pesquisa são chamadas de colaboradores porque são ativos nesse processo de construção e são selecionados a partir dos critérios de comunidade de destino, colônia e rede (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

De acordo com os conceitos estabelecidos por Meihy e Ribeiro (2011), a comunidade de destino, que compreende o grupo que se mantém coeso a partir do que vivenciaram e que passam a ter destinos em comum, neste caso são os docentes e discentes que estiveram presentes na fundação do CES. A colônia, constituída a partir de um grupo mais específico dessa comunidade, é formada a partir do corpo docente do curso de enfermagem do CES. Nesse sentido, a rede de entrevistadas, que representa o grupo de pessoas formado por indicação dos colaboradores, foi estabelecida a partir dos seguintes critérios: docentes e discentes que estiveram presentes durante a fundação do curso de Bacharelado em Enfermagem do CES e que permaneceram por pelo menos dois anos na instituição.

Devido à saturação das informações, foi estabelecido o critério de que a rede seria composta por no máximo dez colaboradoras. Nesse sentido, o fechamento amostral foi determinado por saturação teórica, com cinco

colaboradoras, quando os discursos começaram a se repetir e escassear novos temas nas questões apresentadas, o que determinou a suspensão de inclusão de novos participantes (FONTANELLA et al., 2011).

O instrumento de coleta de dados foi composto de questões pessoais (idade, estado civil, filhos); questões profissionais (data da admissão na UFCG, nível da pós-graduação, disciplinas que já ministrou; Cargos administrativos que já ocupou) e de corte pertinentes aos objetivos da pesquisa: 1. Fale sobre suas recordações acerca do tempo em que entrou na instituição; 2. Quais as dificuldades que encontrou nesse período?; 3. Quais as conquistas desse período?; 4. Você tem observado que esta instituição tem se desenvolvido com o tempo? Em quais aspectos?; 5. Fale de sua participação nesse desenvolvimento; 6. Como se sente em fazer parte da história da Enfermagem da UFCG de Cuité?; 7. Quais suas perspectivas a respeito deste curso? Existe algo que você almeja realizar nele enquanto profissional?

Quanto aos procedimentos para a entrevista, em história oral, ela possui três etapas fundamentais, a saber: pré-entrevista; entrevista; pós-entrevista (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

A pré-entrevista é o momento oportuno de primeiro contato, em que a pesquisadora informa à colaboradora como será feito o registro, marca o local, a data e o horário mais oportuno. A entrevista foi gravada com aparelho MP3, em ambiente reservado, sendo sugerida a colaboradora a opção por meio de uma lista de imagens, a escolher um codinome, relacionado a uma flor e seu significado, ficando a critério da sua preferência. Cada entrevista durou entre 45 minutos e duas horas, a depender das situações vivenciadas por cada colaboradora.

A pós-entrevista foi à etapa de agradecimento e também de validação pela colaboradora, para o que foi dito. Todo o texto produzido a partir da entrevista e trabalhado pela pesquisadora foi validado pelas colaboradoras, mediante assinatura da carta de cessão, para se garantir a fidedignidade do que se queria dizer. Foi o momento em que elas verificaram e corrigiram possíveis erros e enganos.

A análise dos dados foi fundamentada na História Oral, segundo Meihy (2002) e Meihy e Ribeiro (2011): A primeira etapa é a transcrição de palavra por palavra da entrevista, realizada pela entrevistadora. Após essa etapa,

passa-se para a textualização, momento em que o texto permanece em primeira pessoa e é reorganizado a partir de indicações cronológicas e/ou temáticas, corrigindo-se alguns vícios de linguagem e erros de gramática, mas mantendo o suficiente para o leitor sentir o sotaque do colaborador. Na última etapa, a transcrição, o texto é acrescido de sons e sentimentos capturados no momento da entrevista, para trazer ao leitor as sensações provocadas pelo contato.

A partir da transcrição e após a validação do conteúdo dada pela colaboradora, os discursos foram analisados à luz da literatura pertinente, sendo organizados de acordo com as seguintes subdivisões temáticas: dificuldades e conquistas; desenvolvimento da instituição; sentimento em fazer parte desta história; perspectivas em relação ao curso de enfermagem.

No que se refere às considerações éticas, esta investigação foi norteada pelas Diretrizes e Normas Regulamentadoras para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, no cenário brasileiro, contemplados pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) / Ministério da Saúde (MS), que dispõe sobre as pesquisas com seres humanos (BRASIL, 2012). A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob o parecer de número 1.654.337.

Na fase empírica da pesquisa, as colaboradoras foram esclarecidas sobre a possibilidade de desistirem de fazer parte do estudo, em qualquer etapa do seu desenvolvimento, sem que isso lhes acarretasse prejuízo ou constrangimento, e que suas identidades foram mantidas no anonimato, mediante a assinatura do TCLE, o qual informava o teor científico e as características da pesquisa no momento da coleta dos dados. Vale ressaltar que na História Oral, há um documento a mais, que é a Carta de Cessão, importante para definir a legalidade do uso da entrevista e a pessoa autorizada pela guarda do material, nesse caso a pesquisadora responsável.

3 Resultados

A pesquisa contou com cinco colaboradoras, dentre as quais, quatro começaram a atuar como docente na UFCG-CES no ano de 2008, e uma em 2014. Esta última foi discente da turma pioneira do curso de enfermagem em

2007. Duas delas não atuam mais no curso de enfermagem do CES, mas participaram ativamente de seu processo de implantação e estruturação. A média de idade das colaboradoras é de 35,6 anos, três delas têm a titulação de doutora, uma de mestre e uma de especialista. Os codinomes escolhidos por elas foram: Gérbera, Rosa Branca, Íris, Erva doce e Lavanda. Durante as entrevistas ficou evidente nos relatos uma história de amor, de dificuldades e de superação permeando a institucionalização e desenvolvimento do curso de enfermagem:

“O meu papel dentro dessa trajetória foi de uma mulher que lutou desde o princípio. Eu encaro Cuité como uma missão de vida, [...] uma vocação, um sacerdócio, onde a gente se entrega e muitas vezes só se doa, poucas vezes se recebe. Mas também, quando se recebe é muito, porque se recebe aquilo que não tem preço: o respeito, a admiração, o amor que os meus alunos têm por mim e eu por eles” – Gérbera.

“Eu fiz parte da história da instalação do curso de enfermagem [...] eu adoro Cuité, amo, aonde eu chego eu defendo o centro e defendo todo mundo” – Rosa Branca.

“Eu me sinto filha desse lugar, me sinto realizada, e querendo ou não meu nome já está na história do curso de enfermagem. Enquanto pessoa eu já me sinto completa e eu sei que tudo isso eu devo primeiramente a Deus, e segundo, ao CES, porque sem o CES eu não estaria aqui contando esta história” – Iris.

O curso de Bacharelado em Enfermagem do CES foi criado em 22 de novembro de 2005, conforme a resolução nº 09/2005 da Câmara Superior de Ensino do Conselho Universitário, sendo determinado que o curso ficasse vinculado à Unidade Acadêmica de Saúde. A construção do curso de enfermagem assim como da UFCG e seus *campi* foi influenciada por um processo de reestruturação e crescimento do ensino superior no Brasil (BRASIL, 2005).

Segundo um balanço social feito pelo Ministério da Educação (MEC), de 2003 a 2014, o processo de expansão e interiorização da oferta de educação

foi essencial para combater o desequilíbrio no desenvolvimento regional e atingir estudantes sem condições de se deslocar para outras regiões. Entre 2003 e 2013, duas das regiões mais carentes de ensino superior, Norte e Nordeste, apresentaram expansão significativa, onde o percentual de crescimento das matrículas na região Nordeste foi de 94%, o que corresponde ao dobro do registrado para o Sudeste e mais do triplo do que foi registrado na região Sul (BRASIL, 2015).

Com a benesse proporcionada pela interiorização universitária, uma cidade do Curimataú paraibano, de pequeno porte como Cuité, passou a ser visada como um lugar de novas oportunidades, de emprego e formação nas áreas da educação e da saúde. A partir do concurso para contratação de professores efetivos para o curso de enfermagem, foram disponibilizadas cinco vagas para docentes, as quais foram ocupadas por cinco enfermeiras:

“Nós fomos quatro, das professoras fundadoras, foram cinco vagas para esse concurso, porém uma das professoras estava grávida e já entrou de licença maternidade. Os alunos da turma pioneira nos chamavam de “quarteto fantástico”, (risos) porque a gente dava aula de tudo” – Gérbera.

Contudo, a realidade encontrada inicialmente foi desafiadora para as pessoas recém-chegadas para estudar ou trabalhar. As colaboradoras trouxeram em seus discursos com muita ênfase uma tríade de desafios: estrutura física, laboratórios e corpo docente:

“Tinha apenas um bloco de sala de aula, [...] era bem menor a estrutura, e os laboratórios estavam sendo construídos” – Iris.

“Os professores eram substitutos, não tinha professor efetivo, a coordenadora do curso era uma bióloga. A estrutura do campus era muito elementar [...] a gente não tinha água pra beber, não tinha água nem pra dar descarga no banheiro. Não existia lanchonete, ar condicionado algumas salas tinham, outras não, o bloco administrativo não existia” – Gérbera.

“O curso de enfermagem estava sendo ministrado só por doutores da farmácia e das disciplinas básicas. O básico já é

complicado, imagina você sem ter uma referência de enfermeiros” – Rosa Branca.

Com a chegada das novas professoras para o curso de enfermagem surgiram também os primeiros impasses, os novos desafios encontrados no *campus* recém instalado e a missão de reorganizar o curso. As pioneiras se depararam com atribuições além da docência propriamente dita, que foram os cargos administrativos:

“[...] veio um cenário de dificuldades, porque ao chegar aqui eu tive que assumir cargos administrativos. Uma coisa que me marcava muito, hoje nem tanto, era a insegurança” – Iris.

“Eu fui nomeada para a coordenação dos estágios, comecei a organizar. O diretor dizia: vocês que vão fazer história aqui no CES, porque vocês chegaram para organizar a casa, tome conta, a casa é de vocês. E ele tinha razão” – Rosa Branca.

“A instituição pública é cheia de regimentos e resoluções, e ao chegar pra trabalhar ninguém nos prepara, é “toma que o filho é teu”. A inexperiência foi uma primeira grande fragilidade. Eu me lembro que a primeira vez em que falei com o diretor do centro na época, ele já foi me entregando o PPC e dizendo que eu era a coordenadora do curso” - Gérbera.

Associada às inúmeras atribuições que são exercidas por um docente, como ensino, orientação, pesquisa e extensão, as pioneiras do curso de enfermagem ainda tiveram mais uma atividade, que foi reestruturar o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), que não estava adequado à conformação que é preconizada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em enfermagem:

“O PPC do curso não tinha disciplinas básicas, como obstetrícia e psiquiatria, as optativas eram todas ligadas à biologia, não eram à enfermagem. A gente chegou no segundo período da turma pioneira, mas só entrou em sala de aula no terceiro, porque esse primeiro momento foi justamente pra organizar o PPC, essa parte burocrática” – Gérbera.

“O PPC foi estruturado para atender as especificações de enfermagem [...] nós fomos organizar todo o PPC do curso, revisar a grade curricular [...]” – Rosa Branca.

“ [...] por mais que já exista um PPC, as coisas mudam, a realidade de trabalho muda, o sistema e as necessidades de saúde mudam, e a gente tem que ir se adequando” – Erva Doce.

De acordo com Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de enfermagem é preconizado que os conteúdos do curso de graduação em enfermagem sejam relacionados com todo o processo saúde-doença do cidadão, da família e da comunidade, integrado à realidade epidemiológica e profissional, proporcionando a integralidade das ações do cuidar em enfermagem. O PPC deve ser construído coletivamente, centrado no aluno como sujeito da aprendizagem e apoiado no professor como facilitador e mediador do processo ensino-aprendizagem. O PPC visa à formação integral e adequada do estudante por meio da articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão/assistência (BRASIL, 2001).

O PPC do curso de enfermagem elaborado pelas professoras pioneiras foi aprovado pela resolução nº 07/2009 da Câmara Superior de Ensino do Conselho Universitário no dia 30 de abril de 2009 (BRASIL, 2009) e revisado em 2014 (UFCG, 2014). Anterior a esta resolução, o curso de enfermagem tinha a duração de quatro anos e um quantitativo menor de disciplinas.

A partir da adaptação feita no PPC, o curso foi tendo andamento e sendo moldado aos poucos, e uma das maiores dificuldades neste processo de desenvolvimento estava relacionada aos laboratórios e aos campos de atividades práticas, que ainda se encontravam rudimentares demais para atender às necessidades do curso:

“Eu me lembro da primeira visita do MEC aqui, que eu fui com a fiscal do MEC visitar o laboratório de semiologia e ao sairmos de lá ela me perguntou onde estava o laboratório de semiologia, disse que aquilo ali era tudo, menos um laboratório de semiologia. Muitas vezes a gente comprava materiais do próprio bolso para minimamente fazer um processo de ensino aprendizagem efetivo” – Gérbera.

“Faltava muita coisa. A professora de semiologia I foi ensinar pra gente a prática de oxigenoterapia, com um cordão de sisal e com um canudo de tomar refrigerante. A gente ia pra o campo, mas era aquela escassez, tanto de campo, quanto de material, e a gente não se sentia bem à vontade, [...] os próprios profissionais e serviços não estavam adequados a receber futuros profissionais de enfermagem. A gente fazia mais aquela visita técnica, visitava o setor, via como era ...” – Iris.

“Eu fui conhecer os campos de práticas em Cuité, em Picuí e em Campina Grande, então eu fiz todos os contatos inicialmente. Foi uma conquista passo a passo, não foi fácil, e a dificuldade do curso desde 2008 que ainda estou sentindo, é com relação a campo de estágio. Isso é crônico para o curso de Cuité” – Rosa Branca.

Um fato peculiar e marcante durante o desenvolvimento da UFCG campus Cuité foi à acessibilidade geográfica à universidade, caracterizada por ser uma estrada sem pavimentação, íngreme e tortuosa. Este impasse aparentemente simples fez parte do discurso das colaboradoras, que ao lembrarem-se de tantas idas e vindas difíceis por tal caminho, pareciam estar revivendo um filme em suas mentes:

“A ladeira não era asfaltada, era de barro, cheia de pedras, elas pareciam que brotavam. Entre subir a ladeira e descer era tanta poeira que a gente ficava doente sempre, era barro puro, a gente descia de branco e subia de marrom, porque o barro era vermelho, cobria a gente” – Gérbera.

“Essa ladeira era assim: quando era tempo de seca o pessoal que descia a pé chegava mapeado de pó né, quando era tempo de chuva era como um sabão, muitos escorregavam, caía moto, escorregava descendo... Depois teve a fase de pavimentação da ladeira, que aí todos nós, independente de ser professor ou aluno, tinha que descer e subir a pé, porque estava interdito pra poder fazer, né” – Erva doce.

Neste contexto, docentes, discentes e demais funcionários eram afetados quanto à mobilidade entre a cidade de Cuité e o CES. A ordem de serviço de drenagem e pavimentação da estrada de acesso ao *campus* foi assinada em 2011 pelo governador do estado da Paraíba vigente na época (UFCEG, 2011). Ao ser criado, o curso de enfermagem ficou vinculado à Unidade Acadêmica de Saúde (UAS), juntamente com o curso de nutrição e farmácia, o que também é identificado na análise do material desta pesquisa como um ponto influenciador do desenvolvimento do curso:

“Outra conquista foi o fato de a gente ter agora realmente uma unidade acadêmica nossa, porque sofremos muito também dividindo unidade, era enfermagem, farmácia e nutrição né. [...] a enfermagem era vista como a ovelha negra da unidade [...] muitas vezes os outros cursos não entendiam as especificidades do nosso e isso gerava muita discussão” – Lavanda.

A UAENFE foi criada pela Resolução nº 02/2014, por desmembramento da UAS, somente nove anos após a autorização de funcionamento do curso e sete anos após o ingresso da primeira turma de enfermagem (BRASIL, 2014). Esta nova vinculação do curso de enfermagem veio trazer mais autonomia e independência ao curso, e também trouxe melhorias, visto que com a criação de uma unidade acadêmica própria é possível ter mais direcionamento às especificidades do curso.

Mesmo com as dificuldades que por vezes até colocaram em questão a continuidade do curso de enfermagem, o empenho de todos os integrantes da UFCEG-CES e, neste caso, principalmente, das pioneiras do curso de enfermagem, trouxe bons resultados:

“Com relação à universidade e ao curso de enfermagem, eu vejo diferenças muito boas, com relação à produtividade mesmo. Falando assim dessa parte acadêmica, pesa muito produtividade, contribuição científica, e quanto a isso eu não tenho dúvidas que o CES está formando muito bem os alunos”– Iris.

“Eu acho que as grandes conquistas foram: conseguir manter o curso, um curso de qualidade e cada vez melhor; a formação dos discentes, aonde é que esses alunos chegaram, não só a

turma pioneira, mas as outras turmas também que se formaram; e onde a gente conseguiu chegar como profissional. Conseguimos um espaço acadêmico de respeito [...] quisera eu que meus filhos pudessem ter a qualidade de estudo que se tem aqui”- Gérbera.

Um elemento importante na garantia da qualidade do ensino é a dedicação do corpo docente às suas atividades. Apesar de ainda ter fragilidades específicas, a exemplo da dificuldade com os estágios citada em relatos anteriores, hoje o curso de enfermagem da UFCG – CES é uma referência na formação de bons profissionais, o seu conceito Enade do ano de 2013 foi quatro, numa escala de avaliação que vai de um a cinco (UFCG, 2014).

Na atualidade o curso oferece uma boa infraestrutura com salas de aula climatizadas, equipadas com computador, projetor multimídia e internet *Wi-fi*, laboratórios para disciplinas básicas e específicas, biblioteca com acervo atualizado, restaurante universitário, residência universitária e auditório (UFCG, 2017).

Acompanhando o desenvolvimento da instituição seguiu-se também o aperfeiçoamento profissional do corpo docente. Algumas das colaboradoras relatam em suas falas a oportunidade que tiveram em conseguir ter acesso ao doutorado:

*“As quatro professoras fundadoras são doutoras hoje”-
Gérbera.*

*“Eu tinha acabado de sair do mestrado, entrei no concurso e depois foi que eu fiz doutorado. [...] A gente está em um processo de que muitos professores estão no doutorado” –
Lavanda.*

O corpo docente da Unidade Acadêmica Enfermagem é constituído por vinte e três professores efetivos, em sua maioria por doutores e doutorandos (UFCG, 2017). O número de professores com grau acadêmico de doutor e mestre no quadro docente são indicadores de qualidade da educação para o nível superior. Tais qualificações são indício não só de maior conhecimento na

área lecionada como também de dedicação à pesquisa, atividade indissociável do ensino (BRASIL, 2015).

Acompanhando as mudanças positivas, surgem também novas perspectivas e projetos idealizados pelas pioneiras, visando o aperfeiçoamento do curso como um todo, com enfoque principal de seus discursos na valorização do corpo docente, implantação de uma pós-graduação voltada para a saúde, mais projetos de extensão e melhoria dos campos de estágio:

“O que eu espero para o curso é isso: a proposta é dividir os alunos nos estágios, uma metade em Campina Grande e outra em Picuí, e depois troca. Isso seria ideal. A história do CES durou muito tempo para se conseguir chegar até aqui, e ainda tem muita coisa para fazer, o que eu acho interessante da docência, é que você nunca para, porque você todo dia tem uma coisa diferente” – Rosa Branca.

“Eu almejo que a gente implante especialização e mestrado. Eu espero que enquanto docentes comprometidos com a formação dos nossos discentes, a gente se una para estar contribuindo ainda mais. Eu tenho diversos projetos de extensão em mente para estar executando, levando meus alunos para a comunidade, [...] visto que são muito carentes. E boa parte dos acadêmicos [...] saindo com boas experiências daqui, serão multiplicadores onde estiverem. E muito virá ainda, se Deus quiser” – Iris.

“Uma coisa que eu desejo bastante é implantar o grupo de pesquisa efetivamente sobre direito, saúde e cidadania. Almejo uma melhor qualificação dos professores, ou melhor ainda, que sejamos reconhecidos por aquilo que fazemos, porque muitas vezes a gente não é reconhecido por ninguém. Meu maior sonho, é que abra um hospital universitário aqui. Seria bom para todo mundo, para a instituição, para o discente e, principalmente, para a comunidade, inclusive também seria uma referência importante na região, já que a assistência de saúde é tão frágil no Seridó e Curimataú paraibano” - Gérbera.

4 Conclusão

Esta pesquisa veio propiciar para a comunidade acadêmica do curso de enfermagem da UFCG – CES a oportunidade de resgatar e conhecer as bases formadoras do ensino da enfermagem neste *campus*. As dificuldades vivenciadas no início da estruturação do curso foram gradativamente substituídas por melhorias e avanços no processo de ensino-aprendizagem. As colaboradoras da pesquisa demonstraram grande comoção e orgulho pelo trabalho desenvolvido na instituição e almejam por avanços na pesquisa, extensão e atividades de estágios.

Como reflexo de professoras de atitudes firmes, têm-se um alunado determinado em crescer e superar dificuldades. O resultado da conexão entre instituição, docentes e discentes empenhados em uma causa não poderia ser diferente: profissionais formados com excelência e brilhando no mercado de trabalho, levando para o Brasil e para o mundo o nome de sua instituição formadora.

Nas entrelinhas da história do curso de enfermagem do CES existem inúmeras outras histórias. São as histórias destas mulheres pioneiras, que são flores delicadas, porém de raízes fortes, que diversas vezes durante esta trajetória choraram, não por serem fracas, mas por estarem sendo o mais forte que podiam. Por trás das docentes que inspiram tantas outras pessoas, existem mães, filhas e esposas, que muitas vezes já renunciaram a si mesmas em prol desta causa.

5 Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466/2012 / de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Rio de Janeiro, dez. 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em 01 mar. 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara De Educação Superior. **Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília, nov.2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf> >_Acesso em: 20 jul 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Superior. **A democratização e expansão da educação superior no país: 2003 – 2014**. (Balanço Social 2003- 2014) Brasília, 2015 b. Disponível em:

<file:///C:/Users/Penildon/Downloads/balanco_social_sesu_2003_2014%20(1).pdf>
Acesso em 15 jul 2017.

BRASIL. Serviço Público Federal. Universidade Federal de Campina Grande. Conselho Universitário. Câmara Superior de Ensino. **Resolução nº 09/2005 de 22 de novembro de 2005**. Cria o Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro de Educação e Saúde. Campina Grande, nov. 2005.

BRASIL. Serviço Público Federal. Universidade Federal de Campina Grande. Conselho Universitário. Câmara Superior de Ensino. **Resolução nº 07/2009 de 30 de abril de 2009**. Aprova a estrutura curricular do Curso de Enfermagem do Centro de Educação e Saúde – Campus de Cuité. Campina Grande, abr. 2009.

BRASIL. Serviço Público Federal. Universidade Federal De Campina Grande. Colegiado Pleno Do Conselho Universitário. **Resolução Nº 02/2014**. Cria, No Centro De Educação e Saúde a Unidade Acadêmica de Enfermagem – UAENFE, por desmembramento da Unidade Acadêmica de Saúde. Campina grande: 10 de março de 2014.

FONTANELLA B.J.B. et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**, v. 27, n.2, p. 389-394, 2011.

LOPES, F. P. **Projetos Educacionais do Centro de Educação e Saúde: Compromisso Social com a Comunidade Local**. Cuité, 2011.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual da História Oral**. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral**. São Paulo: Contexto, 2011.

UFCG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. Assessoria de Imprensa. **UFCG recebe 2ª melhor nota no Índice Geral de Cursos do MEC**. Publicado em 18 dez. 2014. Disponível em: <http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/assessoria_imprensa/mostra_noticia.php?codigo=17082>. Acesso em: 22 fev. 2017.

UFCG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. Assessoria de Imprensa. **Governador assina contrato de pavimentação do acesso ao campus da UFCG em Cuité**. Publicado em 21 mar. 2011. Disponível em: <http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/assessoria_imprensa/mostra_noticia.php?codigo=11853>. Acesso em: 20 jul. 2017.

UFCG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. Centro de Educação e Saúde, Campus Cuité. **Docentes**. Publicado em 10 fev. 2017. Disponível em: <<http://www.ces.ufcg.edu.br/portal/index.php/docentes>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

UFCG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. Campina Grande, 2005.

UFCG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem**. Cuité: Centro de Educação e Saúde, 2014.

UFCG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Proposta da UFCG ao REUNI**. Campina Grande, 2007.

UFCG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Resolução n° 09/2005 do Colegiado Pleno do Conselho Universitário**. Campina Grande, 2005.

UFPB – UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **UFCG**: Elementos para sua implantação. Campina Grande, jul. 1996.

6 Agradecimentos

A pesquisa fez parte do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica - PIVIC/ UFCG, ao qual reitero os devidos agradecimentos pela oportunidade em realizá-la, contribuindo para a construção de novos aprendizados, garantindo que os estudantes de graduação busquem a excelência em sua formação e despertando o interesse cada vez mais aprofundado pela pesquisa científica. Agradeço imensamente a todos que colaboraram com esta investigação, permitindo, assim, que esta história fosse eternizada.